

Letramento digital desde cedo?¹

Edilane Carvalho Teles²

Universidade Estadual do Estado da Bahia, Juazeiro - BA

RESUMO

Este estudo objetiva refletir diferentes usos de tecnologias e mídias nos contextos formais, não-formais e informais, relacionando a uma necessária educação midiática a ser construída nos espaços de interação de crianças, adolescentes e jovens. A proposta parte do entendimento de letramentos, em destaque, o digital, em diálogo com a Lei 15.100/2025³, que propõe restrição ao uso dos celulares nas escolas, reivindicando atenção e cuidado das instituições de ensino públicas e privadas, quanto a definição de estratégias na implementação desde o início do ano; analisa os usos de dispositivos móveis e digitais conectados à internet em um processo crítico e reflexivo dos responsáveis na educação dos sujeitos. A abordagem metodológica é qualitativa e participante, orientada através da observação direta nos espaços como referenciais para o entendimento das questões.

Palavras-chave: Letramento digital; tempos de tela; tecnologias e mídias; educação midiática.

Introdução

Este estudo é resultado das reflexões realizadas no grupo de Pesquisa Polifonia⁴, com uma temática que tem desafiado a educação, pais e professores, sobre o uso ‘desenfreado’ por crianças, adolescentes e jovens das mídias e tecnologias fora do contexto escolar, contrapondo às decisões institucionais, do currículo e das aprendizagens, uma vez que não havia até o início deste ano, uma orientação coletiva dos órgãos responsáveis, deixando os modos de interação a critério de cada instituição, evidenciando as (in)coerências, pois tem escolas que proíbem, outras não têm regras, outras buscam ‘equilibrar’.

Destarte, propõe investigar a partir de projetos educacionais, assim como da observação participada nos espaços formais, não-formais e informais os modos como tais

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em 1 Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela USP. Professora de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em 2 Educação, Cultura e Territórios Semiáridos da Uneb. Líder do Grupo de Pesquisa Polifonia (Uneb) e membro do Mediações Educativas (ECA-USP). E-mail: ecteles@uneb.br

³ De 13 de janeiro de 2025 - “Dispõe sobre a utilização, por estudantes, de aparelhos eletrônicos portáteis pessoais nos estabelecimentos públicos e privados de ensino da educação básica.” <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15100-13-janeiro-2025-796892-publicacaooriginal-174094-pl.html> Acesso em 20 mai. 2025.

⁴ Observatório de Educação e Comunicação no Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado da Bahia (DCH III/UNEB), certificado pelo CNPQ.

interações têm desafiado as formações e aprendizagens, que ocorrem hoje, diferenciadas dos modos como estávamos habituados a realizar. Se há duas décadas acreditávamos que os usos das tecnologias e mídias trariam benefícios por agilizarem tarefas que necessitavam de mais tempo, hoje os questionamentos seguem em direção contrária (Haidt, 2024; Desmurget, 2021; Kang, 2021), pois as evidências demonstram que é preciso reconsiderar decisões sobre os usos dos dispositivos digitais pelas crianças e adolescentes, criando percursos que permitam participar de projetos na construção de entendimentos sobre os seus impactos.

A pesquisa ocorre nas ações da licenciatura de Pedagogia do Departamento de Ciências Humanas, Campus III, da Universidade do Estado a Bahia, com os componentes curriculares de “Educação e Comunicação” e o “Núcleo de aprofundamentos de estudos em Educom (Educomunicação)”, com os quais busca-se compreender a interface de modo mais inclusivo e potencializador na compreensão das análises e receptividades. Para tanto, são propostos estudos nas disciplinas imbricadas com a curricularização dos projetos de extensão, assim como os de Iniciação Científica com o Observatório da Formação Inicial docente com as mídias e tecnologias. O escopo é compreender os limites e a práxis construídos quando nos referimos à Educação midiática e tecnológica.

Metodologia

De abordagem qualitativa e metodologia participante, investiga o letramento digital e o porquê incluir na escola, questionando se tal processo deveria ocorrer desde a primeira infância. A proposta é elaborar através das práxis educ comunicativa, um entendimento mais crítico e consciente dos usos, destacando os tempos e espaços distintos: a) os que vivem as crianças e adolescentes do contexto hodierno e, b) os percursos formativos que a escola mantém dentro dos seus muros.

Nos últimos anos, com maior ênfase, depois da Pandemia do Covid 19, os temas relacionados às tecnologias e mídias ganharam novo fôlego e questionamentos, principalmente por conta dos usos contínuos, por vezes sem acompanhamento ou definição do lugar que ocupam tais dispositivos. Em alguns contextos, tornaram-se um problema, pois primeiro usam, depois buscam tempo para as tarefas de casa, os deveres da escola ou tempo para viver a infância e a adolescência, assim como a configuração de um “novo” modo para conhecer os pares, ou seja, através das redes, dificultando e até inviabilizando a interação com os outros ‘fora das telas’ dos *smartphones*.

Pesquisas como a do MECOM (Mediações Educomunicativas, 202; 2023) identificam lacunas sobre as interfaces Educação e Comunicação, destacando a ausência de Educação midiática e tecnológica nas escolas, expressando como consequência o desconhecimento de pais, crianças e adolescentes sobre tais limites. Como afirma Haidt (2024, p. 11), “Muitos pais ficaram aliviados ao perceber que um *smartphone* ou *tablet* podia manter a criança entretida, feliz e quietinha ao longo de horas. Era seguro? Ninguém sabia, mas, como todo mundo estava usando, presumia-se que fosse.”

Importante destacar que a intensificação das telas no período pandêmico alterou os modos como interagimos, pois, usa-se com mais rapidez e propriedade os diferentes dispositivos (Teles, Gomes e Feitoza, 2021). Assim, a internet e as redes sociais tornaram-se mais centrais nas comunicações cotidianas. Percebemos as mudanças, quando nos tornamos ainda mais atarefados e conectados? Refletimos sobre isso? Diante das evidências que temos hoje, a resposta é não.

As dificuldades de compreensão quanto aos usos estão nas esferas educacionais e nas instituições da sociedade brasileira, com toda a diversidade e multiplicidade que as compõem, evidenciado problemáticas que precisam ser discutidas na educação, em um diálogo proposto pelas/os profissionais com as orientações dos setores responsáveis pela educação no país, como é o exemplo da Lei 15.100/2025.

Assim, para compreender tal processo em construção, o percurso da metodologia de investigação está organizado no seguinte direcionamento: 1) estudos sobre o tema e discussão nos diferentes projetos; 2) observação e registro em diário de bordo dos percursos com os projetos de ensino (Comunicação e Educação), extensão (Nascidos para ler e brincar) e Iniciação Científica (Observatório); 3) análises e sistematizações das observações e interações durante as práticas educomunicativas; 4) elaboração de outros percursos a partir dos registros feitos, como, por exemplo, o projeto de Leitura em voz alta desde cedo e o Círculo de leitura ‘Letramentos e Multiletramentos’ na formação docente.

Fundamentação teórica

Letramento digital desde cedo? A questão é urgente e desafia as bases que sustentam as histórias, as relações e as atuações no/com o mundo, as quais encontram respaldo “na leitura do mundo que precede a leitura da palavra” (Freire, 1989), uma vez que promovem os construtos necessários para entender os processos e a ação profissional com os currículos. Assim, as leituras e as formações para os letramentos (Dudeney, Hockly e Pegrum, 2016)

constituem-se um contraponto necessário e urgente às investidas velozes dos contextos conectados. Nesse sentido, para as crianças e adolescentes devem potencializadas duas linguagens essenciais para seu desenvolvimento: a primeira linguagem e/ou dimensão a ser considerada como estrutura e base de entendimento é a ludicidade, pois (Haidt, 2024, p. 16) as “Crianças precisam brincar livre para se desenvolver”, a segunda, o incentivo à leitura desde cedo. Como afirma Desmurget,

[...] a leitura nos enriquece individual e coletivamente por sua capacidade de enriquecer todos os aspectos fundamentais de nossa humanidade. Ela desenvolve, para nos atermos aos elementos mais firmemente estabelecidos, a linguagem (em suas dimensões lexicais, gramaticais, ortográficas e narrativas), a inteligência, a cultura geral, a criatividade e as habilidades socioemocionais, além de impactar fortemente o sucesso escolar e, consequentemente, profissional. Para todos esses campos, a magnitude dos benefícios depende diretamente do volume de prática. Pequenos leitores, pequenos ganhos; grandes leitores, grandes conquistas. (2023, p.326)

Ao iniciar o trabalho nos contextos formativos com as tecnologias e as mídias, é importante compreender se é um processo que deve ser construído desde a primeira infância ou na adolescência. Quando as crianças começam a utilizar os dispositivos? As evidências demonstram que desde cedo, usam em casa os dispositivos dos pais. Assim, diante dos desafios de hoje, necessitamos construir uma “dieta” tecnológica e midiática (Gui, 2014), pois, de acordo com os estudos os excessos chegam hoje a níveis difíceis de serem mensurados, além da lista de demandas que emergem com os novos modos de interação com as mídias, que são enormes, seja trabalho, estudos, entretenimento e informações. Estamos sempre com os olhos presos nas telas, portanto, como encontrar um equilíbrio, se usamos continuamente?

Para um início de conversa promover a espera, o ócio diante da velocidade dos processos que nos envolve para compreender mais sobre as criações que também estão fora delas, na vida real, das relações e aprendizagens sem o uso de dispositivos. Para Gui (2016, p. 12, tradução nossa) este é um fenômeno emergente “[...] pensemos no risco do consumo excessivo de mídia, na dificuldade de selecionar informação de qualidade, na dificuldade de “aproveitar” o conteúdo com tranquilidade.”⁵

Em um contexto adulto, sujeitos que viveram em outra época cuja diversidade oportunizou maiores de interações (Haidt, 2024), o processo tem mais contrapontos, entretanto, a partir da geração z, a questão se complicou ulteriormente, pois as telas configuram-se em um

⁵ “[...] pensiamo al rischio del sovraconsumo mediatico, alla difficoltà di selezionare informazione di qualità, alla fatica nel “gustare” con calma un contenuto.”

dos principais meios de comunicação imbricado com as dimensões da vida. Desta forma, a própria realidade e as evidências nos convidam a construir outras maneiras de interação também fora das telas, apesar destas, sem, contudo, tornar-se refém de um dispositivo sempre na palma da mão, característica corriqueira nos dias de hoje.

Os modos de uso necessitam ser redimensionados, como proposto na Lei (Brasil, 2025), assim como nas formações, da educação básica ao ensino superior. Com qual proposta? Escolhemos o viés de uma abordagem educ comunicativa, a qual aborda como uma das dimensões de suas práticas, a educação midiática e tecnológica como um dos princípios, não o principal, mas parte da teia que elabora, pois, o percurso emerge das demandas das realidades, que também são transversalizadas pelos dispositivos. Os usos são consequências dos construtos no/com os projetos, portanto, os entendimentos orientam os meios utilizados e não o contrário, ou seja, conhecer e compreender a própria realidade e os processos que participam em um exercício metacognitivo contínuo, na promoção de abordagens teórico-metodológicas que ‘também’ incluem mídias e tecnologias, mas os protagonistas são os sujeitos que se apropriam destas.

Por fim, indagar e promover a formação de professores, pois o que nos cabe como profissionais da educação é conhecer mais sobre a interface e suas nuances, uma vez que, a realidade necessita ser melhor compreendida, a todo o tempo a nossa volta a sociedade está mergulhada nas redes digitais, quase como parte e extensão das ações, até do próprio corpo (quase onipresente), como sugestionou McLuhan (2002, p. 15, tradução nossa), desde o século passado:

Em uma cultura como a nossa, há muito acostumada a fracionar e dividir tudo para controlá-la, talvez seja desconcertante lembrar que, em suas consequências práticas, o meio é a mensagem. Que, em outras palavras, as consequências individuais e sociais de cada meio, isto é, de cada extensão de nós mesmos, derivam das novas proporções introduzidas em nossos assuntos pessoais por cada uma dessas extensões ou por cada nova tecnologia.⁶

No contexto educacional, muitas vezes as tecnologias aparecem nos currículos em um viés mais limitado, maquínico, fragmentado, como uma mera ferramenta ou um instrumento (Teles, 2019). Qual uso se faz com estes dispositivos (eletrônicos e midiáticos)? Ou seja,

⁶ In una cultura come la nostra, abituata da tempo a frazione e dividere ogni cosa al fine di controllarla, è forse sconcertante sentirsi ricordare che, per quanto riguarda le sue conseguenze pratiche, il medium è il messaggio. Che in altre parole le conseguenze individuali e sociali di ogni medium, cioè di ogni estensione di noi stessi, derivano dalle nuove proporzioni introdotte nelle nostre questioni personali da ognuna di tali estensioni o da ogni nuova tecnologia.

conseguimos colocar limites, pensar sobre/com eles, interagir sem que se apropriem de todas as ações cotidianas?

Uma das problemáticas sobre os usos está relacionada aos modos como crianças e adolescentes apropriam-se e interagem com os discursos e narrativas velozes e fragmentadas da *web* e redes sociais, cujos perigos estão nos recortes particularizados, os quais têm gerado ao longo dos anos mudanças, inclusive de comportamento diante da tela *touch*, de forma ininterrupta e sem limites. Sem considerar que muitas destas interações são com o contexto adulto (Young; Abreu, 2019).

Em acréscimo, outra questão a ser analisada é a interação contínua com a desinformação, pois nem sempre consegue-se perceber as nuances daquilo que propõe, além do último desafio que nos foi imposto, o uso da Inteligência Artificial (IA) (Coeckelbergh, 2023), que “auxilia” e até “faz” os trabalhos de muitos, inclusive com tutoriais nas redes sobre “como fazer o trabalho sem pensar”, utilizando apenas a IA. Importante salientar que nem sempre conseguimos acompanhar estes processos, estamos aquém de uma apropriação mais reflexiva, portanto, a urgência na formação e divulgação, assim como na regulamentação, como vimos a partir da lei sobre os usos dos celulares nas escolas. Delimitar com coerência, de forma contextualizada e crítica.

O estudo ainda está em processo de sistematização, os dados que temos ainda são pontuais e com mais perguntas do que respostas, entretanto, nos indica que com a realização dos projetos educacionais compreendemos mais sobre uma realidade que se forma em movimentos rápidos que exige atenção de todos.

Contribuições da pesquisa

Desmurget (2021; 2013) e Haidt (2024) nos convida a refletir sobre os impactos e consequências que esses usos têm hoje. Não há um entendimento para um único letramento, mas letramentos digitais (Dudeney, Hockly e Pegrum, 2016), porque são vários dispositivos e construtos. Para tanto, são necessárias pesquisas e interações sistematizadas no *entremeio* e imbricamento da interface para o desenvolvimento de diversas habilidades, as quais na era da conectividade é um convite aberto à interpretação das múltiplas linguagens, assim como dos modos de produção de conhecimentos e de informações à disposição. Nesse sentido, para realizar a transposição da informação ao conhecimento, coloca-se em prática os processos de apropriação e ampliação do diálogo com os diferentes gêneros, como, por exemplo, um anúncio publicitário, um texto, uma matéria ou reportagem, os links que aparecem nas páginas da *web*,

cujos ‘clics’ são ‘infinitos’, todos implicados com a lógica e números do algoritmo, que interferem na dinâmica com as informações, contrapondo os dispositivos digitais das crianças, adolescentes e jovens que são ‘bombardeados’ continuamente. Apesar disso, aprende-se na prática, a proposta é incluir nos currículos o diálogo também com as famílias sobre as orientações quanto aos usos e os impactos que causam.

Desse modo, é um percurso no qual aprendemos com a ‘prática’, fazendo para compreender os usos a partir de outras experiências mais básicas para todos, em especial, com a infância que deve ter suas interações mais analógicas (Desmurget, 2021; Kang, 2021; Teles, et. al., 2023), como o brincar e o acesso à literatura e leitura em voz alta, as rodas de conversas, o esporte, a arte, a cultura e o acompanhamento afetivo e cuidadoso dos responsáveis verso o processo formativo e educacional.

No contexto de realização dos projetos, os cursos possuem um percurso (in)comum ao referir-se à interface na realização de estudos e práticas com a transversalidade das mídias e tecnologias através das tentativas de construção e realização praxiológica baseados em uma educação contextualizada (Reis, 2011) e popular (Freire, 1987), quanto aos entendimentos na área de atuação profissional futura como Educomunicadoras/es e Pedagogas/os-Educomunicadoras/es (Teles e Reis, 2019). Assim, incluir projetos de educação midiática na busca por agregar às ações, a qualidade que se espera na interpretação e elaboração com os dados difusos nos contextos na área de intervenção social é identificar a pertinência da educomunicação como referencial interdisciplinar, a qual pode contribuir significativamente com um maior entendimento nos diversos tempos e espaços com os grupos.

Partir, portanto, da elaboração de percursos formativos que visam a superação da função meramente instrumental (Citelli, 2011)⁷ na educação formal, não formal e informal no interior dos ecossistemas comunicativos, além de compreender na inter-relação dos campos, o dinamismo que promove a consciência crítica sobre a produção de mensagens pelos diversos meios/veículos, passando da recepção como produtos externos à elaboração e edição pelos estudantes e comunidades, como partícipes protagonistas.

Outro aspecto a considerar é o ineditismo de construção sistemática da interrelação como os princípios de inclusão, democracia, cidadania e direitos humanos, que trouxeram no momento da reformulação da segunda proposta até a atual (Bahia, 2019), os estudos que eram encaminhados pelo NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da Universidade de São Paulo

⁷ CITELLI, Adilson O. Comunicação e Educação: implicações contemporâneas. In CITELLI, Adilson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho (Orgs.) Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 59-76

(USP), quanto às pesquisas e as práticas que incluem nas formações e processos educativos/comunicativos dos espaços e instituições, o termo Educomunicação⁸ para definir a interface, o qual pode ainda ser relacionado aos estudos e inclusão das tecnologias, partindo do conceito às relações da sociedade na cibercultura.

Cabe salientar que apesar da escolha nominal, conceitual e metodológica pela educomunicação, no Brasil o termo considerado referência da interface foi recentemente sugerido pela SECOM (2023)⁹ como “Educação midiática”. Nesse processo, foi elaborado um documento que define as estratégias, no qual aborda as contribuições da Educomunicação para a política e programa, incluindo sua transversalidade como possibilidade e contribuição também com os temas da BNCC¹⁰. O registro por essa escolha encontra-se no tópico do “Relatório da Consulta Pública” referente ao alinhamento dos eixos conceituais mais utilizados em território nacional, cuja busca por uma articulação entre as “terminologias técnicas”, propõe “Estreitar a articulação e inter-relações entre Educação midiática e educomunicação” (2023, p. 17)¹¹. Ou ainda, a adoção do termo e de uso recorrente pela UNESCO de “alfabetização informacional e midiática” (Wilson, Tuazon, Akyempong e Cheung, 2013).

Nesse contexto, fazem parte ainda, os avanços das tecnologias digitais, com acentuada atenção às redes sociais e os dispositivos *touch screen* cada vez mais velozes e conectados de forma quase onipresente, ulteriormente complexificados com as elaborações mais recentes, como é o exemplo da IA (Inteligência Artificial), que nos desafia a conhecer e compreender mais sobre os modos como podemos utilizar nos contextos da educação, a relação com as aprendizagens e os usos desenfreados sem reflexão.

Em acréscimo à problemática descrita, estas criações devem ser parte dos tópicos investigados, para conhecer além da aparência, construir ‘contrapontos’ às elaborações do contexto quanto ao consumo midiático. Investigar a desinformação que fomentada pela IA que cresce em problemáticas a serem conhecidas, combatidas e ressignificadas, evidenciando a necessidade da “Regulamentação das Redes”¹², que dito de modo breve, tem na educação

⁸ Sistematização como termo pelo NCE/USP.

⁹ Estratégia Brasileira de Educação Midiática. Coordenação geral de Educação midiática. Departamento de Direitos na Rede e Educação Midiática. Secretaria de Políticas Digitais. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Out. 2023. Acesso em 25 jul. 2024.

¹⁰ Base Nacional Curricular Comum In Acesso em 25 jul. 2024.

¹¹ Relatório da Consulta Pública em Educação Midiática. Coordenação geral de Educação midiática. Departamento de Direitos na Rede e Educação Midiática. Secretaria de Políticas Digitais. Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República. Set. 2023. Acesso em 25 jul. 2024.

¹² <https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&ts=1712173889308&disposition=inline> acesso em 24 jul. 2024.

midiática e na educomunicação meios em potencial para contribuir com o repensar e (re)elaborar as práticas de ensino, pesquisa e extensão sobre a inclusão desses aspectos nos currículos.

Conclusão

Nós temos um grande consumo de informações pelas telas. São celulares, computadores, *tablets* e a partir daí um universo digital que tentamos explorar na medida do possível. Nesse processo, as múltiplas linguagens exigem continuamente a interpretação sobre as intencionalidades e relações com os diferentes dispositivos e gêneros textuais, cujas abordagens com as tecnologias foram posteriormente tensionadas e potencializadas durante o ensino remoto, quando ganharam mais amplitude.

A referida pesquisa em andamento nos contextos formativos, dentro e fora das instituições, aborda a interface e as terminologias utilizadas entre educomunicação e educação midiática, as quais fazem parte da cultura digital, do imbricamento com as tecnologias e mídias à elaboração das aprendizagens, que ganham espaço mais lentamente do que deveriam. Apesar disso, os tensionamentos atuais referem-se aos usos, evidenciando a exigência, do quanto antes, de uma formação mais crítica das mídias e tecnologias dentro do contexto educacional.

O estudo pontualmente sinaliza para a sistematização de práticas educacionais nos contextos das formações de dentro das instituições escolares para o familiar, ampliando e dando suporte aos entendimentos que temos hoje de cuidado e atenção com as infâncias e adolescências com os usos dos dispositivos digitais, sobre os modos de como podem e devem fazer parte das realidades de todos, como um direito, mas dentro de limites ‘saúáveis’ com a devida atenção às outras dimensões da educação.

Referências

BRASIL. **LEI Nº 15.100**, DE 13 DE JANEIRO DE 2025. Diário Oficial da União - Seção 1 - 14/1/2025, Página 3. In <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2025/lei-15100-13-janeiro-2025-796892-publicacaooriginal-174094-pl.html> Acesso em 20 jun. 2025.

COECKELBERGH, Mark. **Ética na inteligência artificial**. São Paulo / Rio de Janeiro: UB / Editora PUC-Rio, 2023.

DESMURGET, Michel. **A fábrica de cretinos digitais**. Os perigos das telas para nossas crianças. São Paulo: Vestígio Editora, 2021.

DESMURGET, Michel. **Faça-os ler**. Para não criar cretinos digitais. São Paulo: Vestígio Editora, 2023.

DUDENEY, Gavi; HOCKLY, Nicky; PEGRUM, Mark. **Letramentos digitais**. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do Ato de Ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados. Cortez, 1989.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GUI, Marco. **A dieta di media**. Comunicazione e qualira della vita. Bologna, Italia: Il Mulino, 2020.

HAIDT, Jonathan. **A geração ansiosa**. Como a infância hiperconectada está causando um epidemia de transtornos mentais. São Paulo: Companhia das letras, 2024.

KANG, Shimi. **Tecnologia na infância**. Criando hábitos saudáveis para crianças em um mundo digital. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2021.

MCLUHAN, Marshall. **Gli strumenti del comunicare**. Mass media e società moderna. Milano, Italia: Mondadori, 2002.

MECOM. **Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico** [recurso eletrônico] organização Adilson Citelli. São Paulo: ECA-USP, 2020. 217 p.

MECOM. **Ensino remoto emergencial e transições associadas** [recurso eletrônico] / coordenação Adilson Citelli. – São Paulo: ECA-USP, 2023. In [Relatório MECOM 2023](#)

REIS, Edmerson dos Santos. **Educação do campo**: escola, currículo e contexto. Juazeiro, Bahia: ADAC/UNEB-DCHIII/NEPEC-SAB, 2011.

TELES, Edilane Carvalho. **Entre o dizer e o fazer com as mídias e tecnologias na formação inicial do pedagogo** [doi:10.11606/T.27.2020.tde-25022021-100446]. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 2019. Tese de Doutorado em Interfaces Sociais da Comunicação. [acesso 2025-06-20].

TELES, E. C.; REIS, E. dos S. (2019). A inter-relação Educação e Comunicação na formação do pedagogo. **Esferas**, (13), 51-59. <https://doi.org/10.31501/esf.v0i13.10410> Acesso em 20 mai. 2025.

TELES, E. C.; GOMES, M. R. L.; Feitoza, D. S. Aula flui? Docência e condições pedagógicas no atual cenário de educação. **ComSertões**, Juazeiro, Bahia, v. 9, n. 1, p. 16-36, ago. 2021.

TELES, E. C.; Almeida, A. da S.; Santana, E. S. M.; Gomes, A. L. & Nagamini. Os desafios de crescer diante das telas digitais: entrevista com Alessandro Marimpietri. **ComSertões**. Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido, Ano XII - Vol. 13 - Nº 1 - Ago/dez 2023. In [Os desafios de crescer diante das tecnologias digitais : Entrevista com Alessandro Marimpietri | Revista ComSertões](#) acesso em 22 jun. 2025.

WILSON, Alton Grizzle; TUAZON, Ramon; AKYEMPONG, Kwame; CHEUNG, Chi Kim. **Alfabetização midiática e informacional**: currículo para formação de professores. Brasília: UNESCO, UFTM, 2013.

YOUNG, Kimberly S.; ABREU, Cristiano Nabuco de. (Organizadores). **Dependência de internet em crianças e adolescentes**: fatores de risco, avaliação e tratamento. Porto Alegre: Artmed, 2019.